

De acordo com os cânones científicos apresentados pela autora, Lula e companheiros não formam uma "aristocracia operária"; na prática, eles são assim detectados, mesmo que inconscientemente, pelos seus colegas trabalhadores de indústrias tradicionais. E há outra questão a se considerar. Levando em conta a falta de perspectiva revolucionária no Brasil a curto e médio prazo, a tendência é que o operariado paulista vá cada vez conseguindo níveis salariais acima da média operária nacional, alongando o fosso entre o setor tradicional e o moderno. Isto traria óbvias conseqüências de classe e políticas, como por exemplo um maior isolamento do Partido dos Trabalhadores, que tenderia a se tornar definitivamente um fenômeno paulista, por mais que seus membros teoricamente não formem uma "aristocracia operária".

Este livro tem o mérito de nos levar a refletir acerca da utilidade de se fazer uma mudança paradigmática (no sentido Khuniano), na abordagem do papel da vanguarda operária brasileira.

Jorge Zaverucha

Fundação Joaquim Nabuco

BULLOCK, Alan & WOODINGS, R. B., ed. *The Fontana biographical companion to modern thought*. London, Fontana Paperbacks, 1983. 867 p.

Citando Carlyle — para quem "a história é a essência de inúmeras biografias" —, os organizadores da obra supra-referenciada apresentam o *pensamento moderno* através de 2.000 verbetes biográficos, dedicados às figuras mais representativas do século XX. Cronologicamente, a obra compreende o período que vem de 1900 a nossos dias; e tematicamente inclui tanto as ciências naturais e sociais como as humanidades e certas áreas específicas do século, como a fotografia e o cinema, a comunicação e a informática, o jazz e a música popular, o feminismo e a chamada contracultura. Contrariando o maurrasiano *politique d'abord*, dos políticos somente foram verbetizados os que se destacaram como pensadores originais e escritores criativos.

Muito acertadamente, estão incluídos alguns pensadores e cientistas que, embora do século XIX, tiveram suas contribuições reconhecidas no século seguinte, como Marx, Babbage, Kierkegaard e Boole. *Pensamento moderno* — explicitam os organizadores — é "o corpo do saber e dos conceitos, hipóteses e relações definidos de modo original por escritores, filósofos, cientistas naturais, cientistas sociais, artistas, etc. que, reconhecidos como pertencentes ao século XX, foram progressivamente considerados como representativos de uma cultura e de um contexto intelectual comuns".

A verdade é que, excluindo — com raras exceções — personalidades orientais, os organizadores resvalaram num inaceitável exclusivismo europeizante. As-

sim, o que chamam de *pensamento moderno* seria melhor caracterizado como *pensamento ocidental*: limitação injustificável numa época em que tanto se fala de aldeia global, ecumenismo e civilização planetária. O *pensamento moderno* foi consideravelmente enriquecido por contribuições orientais, bastando recordar o que sabemos da poesia chinesa através de um poeta e ensaísta da categoria de Ezra Pound, o cinema japonês com seus geniais diretores, o que a moderna eletrônica deve ao Japão e até o misticismo pelo qual tanto se interessou Thomas Merton, que acabou morrendo em Bangkok, por ocasião de um congresso convocado para permuta de experiências contemplativas entre monges ocidentais e orientais.

Obra organizada na Grã-Bretanha, é natural que seus 300 colaboradores sejam, em sua maior parte, ingleses e professores de universidades britânicas. Uma notável exceção é a do norte-americano Daniel Bell, ao mesmo tempo colaborador e objeto de verbete. Apenas oito brasileiros foram contemplados com verbetes específicos: quatro em Literatura – Jorge Amado, João Cabral de Melo, Cecília Meireles e Graciliano Ramos; um em Arquitetura – Oscar Niemeyer; um em Religião – Dom Hélder Câmara; um em Educação – Paulo Freire; e um em História Social e Econômica – Gilberto Freyre.

Creio que podemos lamentar, sem chauvinismo, a exclusão de cineastas como Alberto Cavalcanti e Glauber Rocha; de pintores como Cândido Portinari e Vicente do Rego Monteiro; de músicos como Villa-Lobos e Cláudio Santoro; de poetas como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade; de médicos como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas; de educadores como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

O verbete sobre Gilberto Freyre é assinado pelo Professor Peter Burke, do Emmanuel College, de Cambridge. Diz ele do autor de *Casa-Grande & Senzala*: "He remains one of the pioneering social historians of the century as well as a gifted literary artist". Mas acolhe o já velho e desmoralizado reparo de que na obra de nosso conterrâneo a história do Nordeste está identificada com a do Brasil em "celebratory tone". Se o Professor Burke houvesse lido com mais atenção a obra de Gilberto Freyre, verificaria que ela nada tem de apologética, pois desmonta vários mitos como, por exemplo, o da superioridade nórdica na colonização de áreas tropicais, o da idealização de tais áreas, o da perfeição absoluta de métodos jesuítas de catequese, etc.

Quanto à identificação do Nordeste com o Brasil, creio que negá-la é desconhecer o que de fato ocorreu nos primeiros séculos, quando nesta região se estabeleceu, como em nenhuma outra parte do Brasil, uma aristocracia patriarcal de caráter permanente. Neste ponto, Gilberto Freyre seguiu a lição de mestres como Oliveira Lima, autor desse esquecido mas notável estudo que é "A Nova Lusitânia", publicado na *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, organizada por Carlos Malheiro Dias (1921-24).

De qualquer forma, *The Fontana biographical companion to modern thought* é obra de referência indispensável em qualquer biblioteca.

**Edson Nery da Fonseca**  
Universidade de Brasília/  
Fundação Joaquim Nabuco